

DEPOIMENTO DE ANTÔNIO RIBEIRO ROMANELLI À COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS

INTERLOCUTOR: Desculpa o senhor retorna para mim, a partir do momento em que o Edilson Almeida Juta, depois de 1982,

ROMANELLI: A ele organizou um encontro, com o almoço da turma que esteve presa lá, e da turma que esteve preso anteriormente, e esse almoço foi realizado ali naquele hotel, que foi do Luciano, ali na Rua Espírito Santo, é tem até noticiado nos jornais, e que nós convidamos inclusive o nosso carcereiro, que foi uma pessoa que nós tratou muito bem e que têm, era Juscelinista, e que não gostava nada da, nos tratava muito bem, chamava Sargento Pedro. Esse Sargento Pedro foi o nosso carcereiro lá em, na Colonial Penal Magalhães Pinto não é, que foi para onde eu fui conduzido depois.

INTERLOCUTOR: Só uma dúvida. Quando o senhor fala do, que fomos conduzidos para este setor lá da aeronáutica, o senhor fala no plural, o senhor chegou lá já tinha outras pessoas lá neste mesmo espaço?

ROMANELLI: Tinha várias pessoas lá, inclusive esses que eu falei, o Padre Lage, etc. e tal,

INTERLOCUTOR: Edilson também?

DEPOENTE - Edilson Almeida Juta, já estavam presos lá.

INTERLOCUTOR: E depois vocês foram transferidos para?

ROMANELLI: Depois eu fui, quando chegou à época da, dos depoimentos eu fui reconduzido aqui para o DOPS.

INTERLOCUTOR: Isso quanto dias o senhor ficou lá, o senhor lembra mais ou menos?

ROMANELLI: Na Afonso Pena. Aonde?

INTERLOCUTOR: Lá em Lagoa Santa,

ROMANELLI: Neves?

INTERLOCUTOR: Não, em Lagoa Santa.

ROMANELLI: Lagoa Santa, 19 dias, aqui no DOPS eu fiquei 33 dias, e depois fui conduzido, depois mesmo fui conduzido para a Colônia Penal Magalhães Pinto, que hoje é a Colônia Penal com um nome de um delegado, como é que é?

INTERLOCUTOR: Dutra Ladeira?

ROMANELLI: É, Dutra Ladeira, mas no meu livro inclusive eu disse que era para a Colônia Penal Magalhães Pinto eu dizia que era um excelente topônimo para quem deveria ter sido seu primeiro hospede que era o Governador Magalhães Pinto.

INTERLOCUTOR: Nesses contatos com os agentes, vamos dizer assim, da repressão, o senhor teve alguma ameaça, o senhor sofreu alguma tortura, alguma?

ROMANELLI: Não.

INTERLOCUTOR: O senhor foi tolhido de ter contato, as pessoas terem contato com o senhor?

ROMANELLI: Não, o problema é o seguinte, infeliz, felizmente, não sei se felizmente, é felizmente nesta época ainda não havia sido institucionalizada a tortura, ou a repressão não era tão violenta, e chegava ao ponto de violências físicas, a não ser esparsamente, eu posso contar um caso, por exemplo, posso testemunhar um caso que é nosso amigo, você conhece Cida também deve conhecer que foi o Farias,

INTERLOCUTOR: Antônio Farias Lopes, não é?

ROMANELLI: É, Antônio Farias Lopes. Quando nós estávamos presos aqui no DOPS, uma tarde foram lá a polícia militar, tiraram o Farias para levar dizendo que ele ia prestar depoimento, e o Farias voltou todo rebentado, a gente estava vendo que tinha apanhado etc. e tal e ele contou que tinha apanhado e o Edgar Amorim,

que tinha sido preso também, mas já estava solto e que tinha ainda alguma influência no governo, denunciou e o, uma pessoa, (trecho incompreensível) em Belo Horizontes, o Guedes, formou (trecho incompreensível) tinha uma comunidade que era auxiliar de, era um representante do exército, um representante da polícia federal, um representante da polícia militar e um representante da polícia civil. O representante do exército nessa época era o Coronel José Aurélio Lobo de Rezende Cota, e depois me tornei amigo dele quando eu voltei do Chile. O representante da polícia militar era o Coronel Silvio de Souza, que inclusive disse eu que ele era o porta voz da CIA aqui em Belo Horizonte, e o representante da polícia civil era o Davi Assam, que era o delegado da polícia, do DOPS nessa época, e é o José Aurélio,

INTERLOCUTOR: Doutor Romanelli, um instante, o Coronel Silvio de Souza tem alguma coisa, se não me falha a memória, a ver com o ICBEU?

ROMANELLI: Ele era o diretor do ICBEU, era diretor do ICBEU.

INTERLOCUTOR: Diretor do ICBEU.

ROMANELLI: Mas eu sei que.

INTERLOCUTOR: Na Rua da Bahia, aqui em Belo Horizonte?

ROMANELLI: Exatamente. Ele foi diretor do ICBEU, dizem que ele representante da CIA aqui, a ligação era, mas o que eu sei, neste episódio do Faria, o José Aurélio e o Silvio de Souza eu não sei o **da guerra**, mas o José Aurélio e o Silvio de Souza se movimentavam e houve uma decisão por parte do Davi Assam, parece que pressionado por essa coisa, de que nenhum preso seria tirado da, do DOPS sem uma ordem escrita e uma autorização escrita por Padre Davi Assam que se responsabilizaria por qualquer coisa que acontecesse com o preso. Ou seja, o Faria coitado sofreu uma espada de certa maneira protegendo a nós outros que estávamos lá.

INTERLOCUTOR: O senhor se lembra de mais o menos a sequência, foi na sequência logo depois que o senhor veio de Lagoa Santa, que o senhor testemunhou este fato, correto, depois que o senhor veio de Lagoa Santa o senhor veio para o DOPS e ocorreu este fato que o senhor foi?

ROMANELLI: É. Isso foi um desses 31, foi num desses 31

INTERLOCUTOR: 33 dias

ROMANELLI: 33 dias que eu fiquei no DOPS, eu não me lembro exatamente qual o dia não é, mas no DOPS (trecho incompreensível), Padre Lage estava aí também, o Padre Lage estava no DOPS, Silvio de Souza, Rui de Almeida.

INTERLOCUTOR: O Rui de Almeida?

ROMANELLI: É, o Rui de Almeida eu fiquei, fiquei conhecendo depois, não conhecia, era jornalista.

INTERLOCUTOR: É.

ROMANELLI: Eu fiquei conhecendo na verdade lá na, lá na, na Colônia Penal Magalhães Pinto não é. Mas o Silvio Vasconcelos, por exemplo, eu fiz um contato com ele depois, no Chile e ele era um torturado, ele, você imagina, Silvio de Souza era presidente do Automóvel Clube,

INTERLOCUTOR: Era Silvio de Souza ou era Silvio de Vasconcelos?

ROMANELLI: Silvio de Vasconcelos, Silva de Souza era o Coronel, Silvio de Vasconcelos era um arquiteto reconhecidíssimo, autor de vários projetos digno de é repercussão em Belo Horizonte, como aquele grande prédio, um dos primeiro, parece um ferro de cromar que esta ali ao lado da Igreja São José, onde funciona o Hotel Normandy, Afonso Pena com Tamoios, é diretor da Faculdade de Arquitetura, e era então presidente do Automóvel Clube e houve uma festa no Automóvel Clube e apareceu e apareceu lá o coronel do exército, que foi reconhecido pelo, pelo, pelo porteiro e verificou que a pessoa que estava com esse Coronel não era a esposa

dele, era uma companheira, e resolveu dizer isso lá, resolveu não permitir que ele entrasse. O Coronel ficou muito zangado, o porteiro “Então o senhor espera um pouquinho que eu vou chamar o presidente.”. E o Silvio de Souza veio e tomou conhecimento do que estava passando, ele deu razão ao porteiro e não deixou, ele disse “Aqui não, no Automóvel Clube entra marido e mulher, não marido e amante não é”, resultado esse foi o grande crime do Silvio Vasconcelos, foi preso, condenado como comunista, e foi para no exílio, no Chile conosco. É eu tenho tanto coisa para contar, que eu não sei, acho que eu estou fazendo uma, uma emboiação [sic] danada. Como é que esta aí Cida?

INTERLOCUTOR: É. Então o senhor contou que saiu em um determinado momento, 19 dias em Lagoa Santa, depois veio, depois foi conduzido para o DOPS, 33 dias e aí contou alguns fatos aqui do DOPS, da tortura do...

INTERLOCUTOR: Antônio Faria.

INTERLOCUTOR: Antônio Faria e dessa ordem dada, que nenhum preso poderia sair para depoimento sem autorização do Davi Assam, chegamos aqui.

ROMANELLI: Tá, bom, aí só para, depois da, interrogatórios aqui eu fui interrogado na SUPRA pelo Cincinato Mascarenhas,

INTERLOCUTOR: Oque que é SUPRA?

ROMANELLI: SUPRA é Superintendência da Reforma Agraria,

INTERLOCUTOR: Que ficava aonde na época?

ROMANELLI: É, na Rua da Bahia, no prédio onde funcionava o Banco de Credito Real, é Rua da Bahia em frente aquele, aquele prédio famoso em Belo Horizonte, que era da editora Itatiaia, logo, no início da Rua da Bahia, ali,

INTERLOCUTOR: Entre Afonso Pena e Goitacazes,

ROMANELLI: Isso mesmo, do lado esquerdo de quem sobe não é, os primeiros prédios.

INTERLOCUTOR: Isso era uma prática da repressão, levar a pessoa para o espaço onde ela atuava? Porque que te levaram para a SUPRA?

ROMANELLI: Nos levaram para a SUPRA da reforma agrária era o, a instituição a que nós da Liga Camponesa nos dirigíamos para pedir apoio.

INTERLOCUTOR: Então isso era uma prática?

ROMANELLI: É. E quem foi o delegado da SUPRA em Belo Horizonte antes da, do golpe, foi o Antônio de Oliveira Lins, indicado por quem? e apoiado por quem? Padre Francisco Lage Pessoa, que era então deputado federal.

INTERLOCUTOR: E o Padre Lage era também, ele assumiu uma função também no governo federal, de sindicalização rural, não assumiu?

ROMANELLI: Não me lembro, eu sei que ele era deputado federal. Eu sei, agora não sei se como deputado federal ele fazia parte de alguma organização ou do parlamento ou fora do parlamento, eu não sei.

INTERLOCUTOR: O Senhor foi interrogado na SUPRA por quem? O senhor fez,

ROMANELLI: Cincinato Mascarenhas, que era então delegado da SUPRA aqui, e é um homem de extrema direita, e por sinal meu vizinho, lá no Gutierrez, a nossa casa é, e os nossos filhos eram amigos, brincavam juntos, do muro da minha casa eu falava com a pessoa, com a, praticamente a mulher dele que era muito nossa amiga, amiga da minha mulher e tal. E esse Cincinato é o que foi então, que me interrogou na qualidade de delegado da SUPRA, ou, é delegado, presidente da SUPRA, sei lá como é que era. Bom depois disso eu fui então encaminhado para a Colônia Penal Magalhães Pinto, que fica a 3 quilômetros antes da gente chegar indo Belo Horizonte para Neves, 3 quilômetros antes de chegar em Neves. Hoje é Colônia Penal Dutra Ladeira. Aí eu fiquei eu completei 4 meses desde que fui preso, desde é, Lagoa Santa, DOPS, e lá completei 4 meses. Aí eu fui liberado é, assim, eles nos liberaram, mas tinha Belo Horizonte por ménage, a gente chamava, é expressão francesa não é, Belo Horizonte por ménage, ou seja, eu podia ficar em Belo

Horizontal, mas se eu saísse de Belo Horizonte por qualquer coisa, inclusive para advogar, que eu voltei a advogar, eu tinha que avisar o Davi Assam, quanto tempo eu ia ficar fora e tal.

INTERLOCUTOR: É uma espécie de prisão domiciliar no território de Belo Horizonte?

ROMANELLI: Exatamente, eles chamavam prisão domiciliar, eles chamavam dentro de Belo Horizonte por ménage, por parceiro, em francês ménage é parceiro. É então fiquei aqui, até que veio, e voltei a advogar. Eu fiquei quase 1 ano advogando, normalmente e tal, aí eu pude refazer a minha, a minha vida econômica e financeira junto a família, com a advocacia, porque o meu escritório não foi fechado. O meu escritório éramos, o meu irmão Sebastião, o Luiz Roberto, e o meu pai, só que o meu pai não era advogado, era um juiz aposentado, ele frequentava como advogado, mas dava nome, então eu retomei as minhas atividades do escritório, e pude refazer a minha vida. Fiquei quase 1 ano, aí veio o AI2, Ato Institucional Número 2, o que que dizia este Ato Institucional Número 2, dizia o seguinte, que o julgamento de todas as pessoas envolvidas na Lei de Segurança Nacional, inclusive os civis seriam julgados pela Justiça Militar. Ou seja, eu recebi o recado direitinho, nós éramos escolhidos como bodes expiatórios para explicar o golpe de 64. Eles iam nós condenar como comunistas, para explicar que precisa fazer um golpe porque se não nós íamos tomar o poder e entregar para os soviéticos, esse foi o recado que eu recebi. E resolvi que eu não toparia fazer isso e me comuniquéi com o Rui de Almeida, e com o Edmundo Fonseca, que também era meu companheiro, inclusive havia sido preso comigo etc. E resolvemos ir para o Rio e ficar na clandestinidade no Rio para, até ser julgado. Mas antes disto nós fomos levados a Juiz de Fora, para ser, processados perante Auditoria Militar de Juiz de Fora.

INTERLOCUTOR: E isso, o senhor foi de livre espontânea vontade, como advogado, na condição de advogado? O senhor foi para fazer consulta a.

ROMANELLI: Não, não.

INTERLOCUTOR: Não.

ROMANELLI: Eu fui como preso.

INTERLOCUTOR: Há, o senhor foi preso então para ir.

ROMANELLI: Não, eu não fui preso para ir, mas fui intimado.

INTERLOCUTOR: Há, o senhor foi intimado a comparecer.

ROMANELLI: É.

INTERLOCUTOR: Para finalizar o processo, não é isso?

ROMANELLI: É.

INTERLOCUTOR: Porque como decidiram que o julgamento seria na justiça militar eles levaram vocês.

ROMANELLI: Levaram a gente lá para a (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Para formalizar o processo.

ROMANELLI: Quem estava comigo, nesse dia, é sendo julgado. É Rui de Almeida, Vania Santayana, Roberto Marconale, Edmundo Fonseca, e.

INTERLOCUTOR: Rui de Almeida?

INTERLOCUTOR: Edmundo Fonseca, Lepudio de Almeida, Vania Santayana.

ROMANELLI: Santayana, eu, tinha um outro. Bem, Curi, Eu e Edmundo havíamos contratado com nosso advogado, que nos levou lá, nos acompanhou, o professor Rui de Souza não é, que realmente nos acompanhou durante um tempo mas ele depois foi pressionado e saiu fora. E eu depois então tive como advogado requereu meu habeas corpus e ganho lá no Tribunal Militar, Superior Tribunal Militar, foi o Abel, Abel, Abel, Abel, esqueci o sobrenome dele, depois, foi juiz do trabalho, e posteriormente o, o grande advogado criminalista que, que foi o é homenageado, morreu recentemente, colega de escritório do seu amigo, é que você conversou comigo outro dia lá, **o que importa**, o seu amigo.

INTERLOCUTOR: O João Leite Prado?

ROMANELLI: João Leite Prado, quem era o chefe, quem era o chefe deste escritório era esse que eu estou querendo falar, que foi meu advogado.

INTERLOCUTOR: Que foi sócio depois, o João passou depois a ser sócio do, do Amorim,

ROMANELLI: Amorim, era do escritório, o (trecho incompreensível), era deste escritório.

INTELOCUTOR: E ele já faleceu, nós, essa pessoa já faleceu.

ROMANELLI: Quem?

INTERLOCUTOR:Essa pessoa já faleceu.

ROMANELLI: Faleceu. Ariosvaldo Campos Pires.

INTERLOCUTOR: Ele foi o advogado.

ROMANELLI: Foi um ótimo advogado. Bom e fomos para lá e depois resolvemos ir para o Rio, isso depois de comparecer, foi antes do AI2, não foi depois do AI2, mas aí nos resolvemos ir para Juiz de Fora, para o Rio e fomos os 3, Edmundo, Curi e eu. E para esperar até a, para arranjar um asilo, um país que nos acolhessem como exilados. Acontece que, aí eu estou dando um salto de tempo etc. Mas acontece que naquele tempo, os 3 países que ainda recebiam exilados eram, a Tchecoslováquia, Cuba, o Chile, três ou quatro, e o México. Então nós começamos a pesquisar, excluimos Cuba, desde já, porque Cuba na época era uma viagem sem volta, se for para Cuba já estava sem possibilidade de voltar para o Brasil. México fechado porque já estava assim de gente, já tinha acolhido entre outras pessoas conhecidas nossa, a quem eu já me referi aqui nesta coisa, o Padre Lage e o Francisco Julião, entre outros, não estavam recebendo mais porque já tinha muita gente. Tchecoslováquia, era do outro lado do mundo, eu ia ter que atravessar o oceano, etc., língua, costumes diferentes. Restou o Chile, o Chile é, nós então ele tinha, tinha

acontecido o seguinte, a Embaixada do Chile, ficava na Rua Senador Vermelho, no Botafogo, e ela, construiu um prédio do lado um do outro, o plano deles foi abalado, a gente até brincava de um terremoto, não é porque lá no Chile tem muito terremoto, e eles tiveram que abandonar este prédio e se mudaram para um outro prédio, a embaixada mudou para outro prédio, e esse prédio ficou assim só funcionando precariamente como Consulado Chileno, esse prédio. E aí nos resolvemos, Edmundo e eu resolvemos entrar a força. E nós sabíamos que a embaixada estava sendo vigiada na frente por militares, agentes, dava a impressão. Então nós demos a volta pelo fundo, era um prédio, edifício residencial, nós saltamos o muro para dentro da embaixada, e com ciência e consciência de 2 jornalistas que sabiam que nos íamos fazer isso, e ficaram encarregados de avisar que nós estávamos lá dentro pedindo asilo. Hermano Alves, o jornalista e o outro era Martins, não sei o que Martins. Aí pulamos para lá, e eles, os jornalistas foram a avisaram (trecho incompreensível), avisaram que nos estávamos lá. Daí a pouco chega os jornalistas com o Secretário da Embaixada que era o Senhor Lazarini, dizendo que a decisão do embaixador era a seguinte, que nós éramos invasores do território Chileno, e que eles não davam asilo a invasores do território Chileno e que é, simplesmente porque nós não estávamos ainda condenados, e eles não podiam fazer, dar asilo para quem não foi condenado, o Chile de qualquer maneira que fosse precisava por os relatórios com o Brasil e isso seria um desagrado não é, e que nós saíssemos dali sob pena deles mandarem a gente, é

INTERLOCUTOR: Entregar para a polícia.

ROMANELLI: É, entregar para a polícia, aí foi um desgaste que nós tivemos que saltar o muro para fora outra vez não é, e o zelador do prédio, desse prédio residencial que dava no muro, percebeu (trecho incompreensível), contamos para ele a historia e tal, felizmente ele não fez nada e nós fomos embora. E aí resolvemos esperar o, o resultado da nossa condenação. O embaixador havia dito o seguinte, se e quando nos fossemos condenados, ele daria o asilo, para nós 3, tá bom. Vivemos

no Rio, na clandestinidade até então o julgamento, que se deu em abril, abril de 66 e eu fui condenado a 9 anos, o Curi a 8 e o Edmundo a 8. Eu não sei por que, eu fui privilegiado, é 9 anos, e aí, o Curi foi para o telefone e falou com o embaixador não é, que não, eu mantenho a palavra.

INTERLOCUTOR: Romanelli, só um detalhe, qual foi à acusação no processo militar?

ROMANELLI: É. Primeira subversão, é organizando, fazendo organização (trecho incompreensível), para assumir o poder em nome da União Soviética, e nós estávamos inclusive, entre outras coisas, nós seríamos financiados pela, eu vi o ouro de Moscou, então falavam muito, e esse foi à combinação, a primeira condenação que depois pela qual nós fomos absolvidos, o processo nem foi absolvição, o processo foi anulado pelo Superior Tribunal Militar. Aí o embaixador disse que mantinha a palavra, então nós pedimos a ele, o Curi pediu a ele que mandasse o carro da embaixada nos pegar, para levar para, para o prédio lá da embaixada, porque sendo o carro uma extensão do território, seria imune, não podia ser preso dentro do carro. A isso aí não podia fazer, porque nós não éramos ainda considerados exilados só depois que entrasse na embaixada, e aí se nos conseguíssemos entrar na embaixada que ele garantia nós. Aí como é que fazer, sabemos que o negocio estava vigiado e tal, aí o Hermano Alves e esse Martins que eram jornalistas, entraram em contato com esse Lazarini, e combinaram o seguinte, que, lá o prédio é um desses prédios antigos que no Rio é uma mansão, a rua, aí tem um portão aqui, outro ali, um carro entra por aqui, vem, vem para aqui e tem uma escadaria, e o carro sai por outro portão, não é, não sei se vocês já viram, lá no Rio tem muito disso. E ele então combinou o seguinte, a tantas horas de tal dia, não me lembro exatamente o dia, mas nós ficamos na embaixada 45 dias, bom, depois eu lembro o dia, é que ele ia entrar no carro lá, para ir ao consulado, ele ia abrir a porta, o portão, entrava com o carro, parava o carro ao lado da escadaria para subir para o prédio e voltava para fechar o portão. Neste meio tempo o portão

ficava aberto e nos tínhamos que entrar, se nós conseguirmos entrar, aí o meu Deus do céu, parece que (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR: Só pedir o Senhor só um instante, só para registrar.